



OMENELICK 2º ATO

AFROBRASILIDADES & AFINS

ABRIL/MAIO 2011



05 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA





1 DASUL





❧
Bonés 2011



www.1dasul.com.br



Capão Redondo:
Av. Comendador Sant'anna, 138
Fone (11) 5870 7409

Centro:
Galeria 24 de Maio
Fone (11) 3222 8387



SIGA > OMENELICKSEGUNDOATO.BLOGSPOT.COM

Nabor Jr.

Jornalista e fotógrafo, 28 anos.
omenelicksegundoato.blogspot.com



Cristiane Gomes

Jornalista, 32 anos.
decrisumpouco.blogspot.com

Renata Felinto

Mestre em Artes Visuais, pesquisadora e artista plástica, 32 anos.
renatafelinto-coisasdaarte.blogspot.com



Ferréz

Escritor, autor de Capão Pecado, Manual prático do ódio entre outras obras, 36 anos.
ferrez.blogspot.com

Luciane Ramos Silva

Antropóloga, professora de estudos africanos e dançarina, 34 anos.



Alexandre Bispo

Mestrando em Antropologia Social pela USP, curador e crítico de arte, 36 anos.

Maria Gal

Atriz e ex-membro fundadora da Cia. Os Crespos, 35 anos





O MENELICK 2º ATO é uma publicação bimestral da
MANDELACREW COMUNICAÇÃO E FOTOGRAFIA
Rua Roma, 80 – Sala 144 - São Caetano do Sul / SP
CEP: 09571-220 - Tel.: (11) 9651 8199

DIRETOR

Nabor Jr. | MTB 41.678
omenelickzato@gmail.com

COMERCIAL

Maria Cecília Braga
omenelickzato@gmail.com

CONSELHO EDITORIAL

Nabor Jr., Cristiane Gomes, Alexandre Bispo
e Renata Felinto.

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Edson Ikê | ensaiografico.com.br

CAPA | Onesto

www.alexhonest.com

TIRAGEM 2 mil exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA em galerias de arte,
centros culturais, shows, festas, feiras, festivais, casas
noturnas, lojas e zonas de conflito.



"Não pensei sobre o assunto. Apenas deixei meus instintos agirem. Ao começar a pintar senti um grande desejo de comemorar algo, estar com amigos, celebrar a união e a amizade. Tentei passar esse sentimento nesse trabalho".

Onesto, grafiteiro, artista plástico e autor do graffiti que ilustra a capa da revista, ao comentar o sobre o processo de concepção do trabalho.

LEIA A ENTREVISTA COM O ARTISTA

omenelicksegundoato.blogspot.com

AGRADECIMENTOS

Maria Cecília Braga dos Santos e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que esta edição da revista O MENELICK 2º ATO se tornasse realidade.



**ONDE ENCONTRAR
A SUA REVISTA**

LIVRARIA SUBURBANO
CONVICTO
RUA 13 DE MAIO, 70
2º ANDAR, BIXIGA

CASA DA PRETA
RUA INÁCIO PEREIRA DA
ROCHA, 293
VILA MADALENA

1 DA SUL
RUA 24 DE MAIO, 62
LOJA 40, CENTRO

MATILHA CULTURAL
RUA REGO FREITAS, 542
CENTRO

ATELIÊ OÇO
PRAÇA CARLOS GOMES, 115
LIBERDADE

CRESPOSIM
RUA 24 DE MAIO, 116
LOJA 13, CENTRO

CENTRO CULTURAL MONTE
AZUL
AV. TOMÁS DE SOUZA, 552
JD. MONTE AZUL

AÇÃO EDUCATIVA
Rua General Jardim 660
Vila Buarque

14 DE MAIO DE 1888

O DIA MAIS LONGO DA HISTÓRIA DO BRASIL

“JOAQUIM NABUCO DIZIA QUE
TERMINAR COM A ESCRAVIDÃO
NÃO ERA IMPORTANTE.
O IMPORTANTE ERA
TERMINAR COM OS EFEITOS
DA ESCRAVIDÃO, QUE DURAM
ATÉ OS DIAS DE HOJE”.

Hélio Santos, doutor em economia, administração e finanças e militante do movimento negro brasileiro, ao criticar as políticas públicas voltadas a população negra no Brasil desde à instituição da Lei Áurea.



CONTEÚDO



8 LITERATURA
ENTRE A GARGANTA E A CANETA
Nabor Jr. e Cristiane Gomes

36 CRUZ E SOUSA
Nabor Jr.

27 TEATRO
Coletivos de artes cênicas
Renata Felinto

31 Realize
Maria Gal

32 ARTES PLÁSTICAS
O VALENTIM DA PRAÇA PÚBLICA
Alexandre Bispo

35 ATELIÊ OÇO
Claudinei Roberto.

16 CRÔNICA
ZÉ
Ferréz

17 ARTES GRÁFICAS
TROMPETE SEM CONFETES
Profeta da Luz

12 CINEMA
JEFERSON E OS CURTAS
Cristiane Gomes

19 MÚSICA
VOX SAMBOU
Profeta da Luz



23

ESPECIAL
OUTRA ÁFRICA
Luciane Ramos Silva





ENTRE A GARGANTA E A CANETA

ALLAN DA ROSA EM UM DEDO DE PROSA

POR NABOR JR. E CRISTIANE GOMES | FOTOS MANDELACREW

LITERATURA

Na entrada, um excêntrico arroz com uvas passas, carne de panela apimentada, mandioca cozida, salada de tomate e limonada suíça. Na salda, um delicioso licor de tangerina. Foi assim, como bom anfitrião, que Allan Santos da Rosa nos recebeu em sua casa, no Taboão da Serra (onde reside desde 1999). Nas paredes da cozinha e da sala, desenhos do filho Daruê, de 4 anos e alguns cartazes das centenas de eventos dos quais já participou.

Educador, capoeirista, militante, poeta, produtor, mestre? Muito mais. Allan da Rosa, que tem a poesia no nome, a prosa na ponta da língua e a literatura correndo pelas veias é, na verdade, um misto de empreendedor literário e intelectual periférico.

A palavra (nas suas mais variadas formas), o espírito realizador e o amor pela transformação através do conhecimento são as principais armas do multifacetado homem que respira progresso e inspira pessoas.

Graduado em História e mestre em Cultura e Educação, ambos pela Universidade de São Paulo (USP), de uns tempos pra cá, o camaleônico poeta vem se dedicando à organização de cursos independentes de cultura e arte negra nas periferias paulistanas e na formação de professores para ensino de cultura de matriz afro.

Allan, que já foi feirante, office-boy, operário em indústria plástica, vendedor de incensos, livros, churros, seguros e





jazigos de cemitério, é hoje, aos 35 anos, um dos mais atuantes e sagazes intelectuais da periferia paulistana, reconhecido e respeitado também em outros espaços fora da quebrada (universidades, museus, centros de cultura e pesquisa).

Se alguma coisa mudou nas beiradas da cidade na última década, período que passou a viver por e para ela? Tudo e nada. “O que são dez anos na história? Dez minutos duram mais do que dez anos”.

QUEBRADA

Jabaquara! Lugar histórico. Tenho o maior orgulho de ter nascido lá. Não sei se você sabe mas Jabaquara significa lugar de nego fujão. Lugar bom pra se esconder. Jaba = lugar/ refúgio e quara = nego fujão. Sinto saudades de lá, muita.

A DESCOBERTA DA ESCRITA

Comecei a escrever fazendo a biografia de jogadores de futebol de botão. Pegava o mapa-múndi e via Alemanha, por exemplo. Daí procurava o nome de um município de lá, tipo Nuremberg. Depois ia no Peru e fazia a mesmo. E pegava a cidade de Cuzco. Aí fazia uma partida entre Nuremberg e Cuzco. E inventava uma história pro jogo. Era bem moleque quando fazia isso. Acho que a primeira vez que escrevi foi aí.

FAMÍLIA

Meu pai era da umbanda e minha mãe, católica. Ele, um preto, cheio de referências negativas e ela, uma mulher branca, caxias, lutadora. Não sei como ela agüentou criar eu e meu irmão trabalhando em dois empregos.

Assim como um monte de cadeeiro da década de 80, meu pai, quando estava na rua, montava um táxi. E eu me lembro muito das histórias de livros que deixavam no banco do carro dele.

ANCESTRALIDADE

A ancestralidade está no jeito como a gente cozinha, no modo como arrumamos a casa, como levamos os filhos pra escola, como vestimos, como dormimos, enfim, no nosso cotidiano. Acho que isso a gente não pode perder. Se não, vamos rimar ancestralidade com religiosidade sempre.

EVENTISMO

Lembro que em Americanópolis (região do Jabaquara) nós ficávamos na rua fazendo de tudo, de bom e de ruim, e falando: ‘porra, hoje podia ter um filme’. E não tinha nada. Há dez anos não tinha nada na quebrada. E hoje tem, mas engana. A gente não pode perder o foco, tem que manter a reflexão, se não vira eventismo e onde vai chegar? Meu medo é que de repente a gente entre em uma máquina giratória, de evento, evento, evento. Tudo vazio e oco, fogos de artifício.

LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Acho que este movimento de literatura periférica (que por sinal eu acho bom este nome, já que foi a gente que deu, não acho que é rótulo) é uma onda que abraça muita gente diferente. Quando nos reconhecemos pela primeira vez, descobrimos que tínhamos um bocado de irmãos gêmeos espalhados por aí. Principalmente quando olhamos a história do cordel, da literatura africana nos



países de língua portuguesa, que eu acho uma puta referência (Angola, Moçambique).

Quando conheci os textos de um pessoal de Cabo Verde, Moçambique, mano, pirei no que os caras estavam fazendo. Vocabulário, estilo, tema. Foi o maior pirepaque da minha vida de leitor quando vi literatura africana escrita em português.



Existe uma criatividade na literatura africana hoje, na sul-americana também (gosto muito de ler, muito mais do que escrever), que é muito louca. Então eu estou procurando apresentar alguns escritores africanos nas minhas atividades, mas tem essa treta de não ter tradução. É inacreditável não termos material traduzido de um cara chamado Wole Soyinka, nigeriano, Nobel de Literatura, que trabalha muito o mítico e o histórico. E este é só um exemplo.

EDUCAÇÃO

O que é essa escola hoje? Ela nasce na revolução industrial inglesa, um depósito de crianças para os operários irem trabalhar 14 horas por dia. Essa divisão de disciplinas também vem, novamente, de um movimento de pensamento europeu que desintegra as coisas. E a gente tem um monte de outras formas de transmissão e geração de conhecimento.

Não podemos achar que a educação é a escola. Agora, o que a escola tem de diferente é que ela possibilita regularidade. É um centro cultural. Escola é um labirinto doce, você se perde e fica, ou pelo menos era pra ser.

Se a gente deixar também para a escola a missão de educar, nem ela, e nem uma escola dos sonhos vai conseguir fazer isso. Acho que é muito mais legal termos nosso próprio desenvolvimento pedagógico pra gente poder colorir os temas e, principalmente, a forma.

Acho que a gente é muito pouco corpo na escola também. Quando eu digo o corpo não é que temos que ficar gingando, dançando toda a hora. Se tiver fundamento tudo bem. Mas o corpo cheira, come, veste, levanta. Nosso imaginário reverbera o que ele faz. Quando levanto da cama já tô aprendendo o que é ascensão social, quando subo uma ladeira já tô aprendendo o que é subir. É por causa do corpo que aprendo isso.

CONQUISTAS

Há dez anos, a gente tinha que falar e, de certo



“EDUCAÇÃO NÃO É ESCOLA. NOSSA COTA É FAZER UMA EDUCAÇÃO QUE CONTAMINE A ESCOLA”

modo, ainda tem que falar, de como estamos de escanteio em algumas paisagens essenciais. Tem uns jardins que vão levando a nação pra frente, mas que a gente nunca esteve representado. Por outro lado também conquistamos muita coisa. Estamos na PUC, USP, no Mackenzie, na Pinacoteca, no Centro Cultural Vergueiro, no Museu Afro Brasil, trabalhando, officinando, falando. Mas não podemos falar mais o que falávamos há dez anos. Temos muito mais a anunciar do que a denunciar. Se for só pra denunciar tem o Datena aí todo dia.▼

► PRODUÇÃO AUTORAL

- Vão (poesia, 2005), Edições Toró
- Da Cabula (teatro, 2006), Edições Toró
- Zagaia (romance versado, infanto-juvenil, 2008), DCL Editora
- Morada (prosa e poesia, 2007)

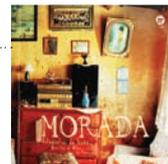
► LEIA A ENTREVISTA NA ÍNTEGRA EM

www.omenelicksegundoato.blogspot.com

► CURSO

De 7 de maio à 4 de junho a Edições Toró e a Prefeitura de São Paulo promovem, no Centro Cultural Jabaquara, o curso TEIAS DA EXPRESSÃO, CHAMAS DA REFLEXÃO: Artes Plásticas e Gráficas Africanas e Negro-Brasileiras.

+ INFO: edicoestoro.net



JEFERSON E OS CURTAS

POR CRISTIANE GOMES

A chegada de *Bróder* às salas de cinema de todo o Brasil marca, não somente a aguardada estreia do cineasta Jeferson De na direção de filmes longa metragem, mas também o debut de um cineasta negro brasileiro por trás de uma grande produção, com distribuição nacional, volumosa repercussão e pesado investimento (foram gastos cerca de R\$ 3 mi com o filme).

Mas, o que sabemos sobre a trajetória cinematográfica do diretor antes de *Bróder*? Quais são os trabalhos que o credenciaram a ser considerado hoje como a mais talentosa expressão de cineas-

tas afrodescendentes do Brasil, que tem Joel Zito Araújo e Zózimo Bulbul como ícones?

Formado pela mais concorrida escola de cinema do país, a Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, De, em 2000, em conjunto com cineastas como Ari Cândido Fernandes, Noel Carvalho, Billy Castilho, Rogério de Moura, Daniel Santiago e Agenor Alves, criou o Dogma Feijoada (inspirado no movimento dinamarquês Dogma 95, capitaneado por Lars Von Trier e Thomas Vinterberg), composto por sete mandamentos que propõem uma ruptura na forma estereotipada, folclorista e maniqueísta da representação do negro na



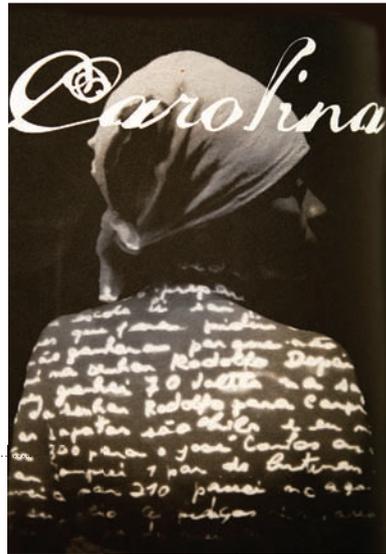
cinematografia brasileira.

Seguindo as diretrizes da versão feijoada do Dogma, De produziu curtas-metragens que, por diferentes nuances, jogam luz à reflexão do preconceito e do racismo que, em pleno século 21, ainda insiste em cercar a vida da população negra no Brasil.

É o que podemos perceber, por exemplo, no premiado *Carolina* (2003), que roteiriza algumas passagens do best-seller *Quarto de Despejo*, da escritora Carolina Maria de Jesus.

O filme se passa em um quarto onde Carolina (interpretada por Zezé Motta com sua maestria habitual), mora com a filha, Vera Eunice. Cercada por uma realidade de miséria, desespero e preconceito, ela desabafa e extravasa suas angústias por meio das palavras. O filme cria uma envolvente atmosfera teatral recheada por imagens históricas da própria Carolina e de longos (porém necessários) períodos de silêncio. Ao final, o desfecho do filme traz a arrebatadora canção *Negro Drama*, dos Racionais MC's. Composta décadas depois da morte da escritora, a música traz consigo a reflexão de que mesmo depois de tanto tempo, a vida do afrodescendente no Brasil permanece difícil. Líder dos Racionais MC's, Mano Brown, visto por De como o "maior líder negro brasileiro depois de Zumbi", voltaria a reeditar a parceria com o cineasta em *Bróder*, onde o rapper participa da escolha da trilha sonora do filme.

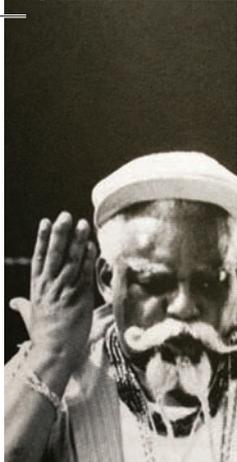
Em *Jonas, só mais um* (2008), o diretor usa a linguagem do documentário para contar a história de Jonas, jovem negro que, ao discutir com um segurança, é covardemente assassinado em uma agência bancária na Baixada Fluminense. A origem desse "engano", como mostrado pelo filme, está no fato de Jonas ter a chamada "cor padrão",



JE VINESTRALETT

► FILMOGRAFIA DE

- Gênesis 22 (1999)
- Distraída para a Morte (2001)
- Carolina (2003)
- Narciso Rap (2004)
- Jonas, só mais um (2008)
- Bróder (2011)



ANA LUIZA DINIUS

“SÓ DE RAIVA, FILMO COM AMOR”

expressão usada pela polícia para quem tem a pele escura. O curta retrata uma história que é também a de muitos outros jovens de “cor padrão”, e denuncia, de forma sensível, mas direta (com as pausas sonoras já usadas em *Carolina*) o silencioso genocídio enfrentado pela juventude negra brasileira. A primeira cena do filme, a de Jonas estatelado no chão da agência bancária, deixa um nó na garganta.

Mas antes da produção deste curta/documentário, De quis tratar do preconceito e do racismo entre crianças, e assim nasceu *Narciso Rap* (2004). Na produção, o cineasta une diferentes elementos que fazem parte do universo infantil, como a afetuosa relação entre amigos e contos como o do gênio da lâmpada. O filme apresenta a história de Narciso, um garoto negro, morador da periferia que, ao encontrar um gênio da lâmpada (bem brasileiro, diga-se), tem como pedido ser rico. Mas com um porém: os brancos o enxergariam branco e os pretos o veriam preto. Um garoto branco e rico faz o mesmo pedido e é aí que se instala o conflito do curta.



A produção, contudo, peca ao apresentar um roteiro simplista demais, beirando o nonsense. Mesmo sendo voltado para o público infantil a história poderia não subestimar tanto a inteligência da criançada. A gritante diferença de idade entre os dois garotos (o branco e o negro), por exemplo, deixa no ar um ponto de interrogação. A estética da produção também deixa a desejar. O filme, porém, tem o mérito de trazer a reflexão étnica ao público infantil.

Numa citação presente no livro *Dogma Feijoada e O Cinema Negro Brasileiro*, com os roteiros de alguns dos curtas do cineasta, De afirma que, só de raiva, filma com amor. E esse amor é percebido em suas produções. Um amor não apenas pelo cinema, mas pela possibilidade de mostrar a figura do afrodescendente brasileiro de forma real. E ele está dando seu recado. Aguardemos as cenas dos próximos capítulos, ou melhor, dos próximos filmes. ▶

▶ LEIA

Dogma Feijoada e o Cinema Negro Brasileiro
Coleção Aplauso – Imprensa Oficial
2005

▶ ASSISTA

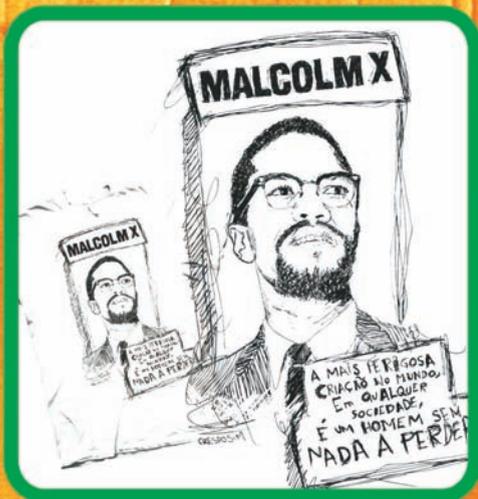
Jonas, só mais um
www.portacurtas.com.br



Coleção Primavera | Verão 2011

Cresposim

“Um Líder que Fez História”



confira outros modelos no site
www.cresposim.com.br

LOJA CRESPOSIM

Rua 24 de maio, 116 - Lj. 13 térreo

Galeria Presidente

CRESPOFONE

(11) **3331-1759**

cresposim@yahoo.com.br

“Na terra de ZumbiTupinikin, a realeza sempre vai vestir Cresposim.”



ZÉ

POR FERRÉZ

CRÔNICA

Zé Bahia não manda nada na quebrada.

Abaixa a cabeça pra polícia e pra bandido na quebrada.

De dentro do barraco ouve a malandragem.

- Esse carro é bem louco, é de bandido.

Zé firmeza se irritou um dia com o barulho da moto, o malandro não parava de ficar passando com o escapamento aberto.

Zé fudido da vida mandou o menino voltar de ré.

A noite Zé ficou na moral, bandidagem circulou perto do seu barraco.

Zé que antes era José Aparecido de Oliveira, mudou de nome quando entrou na obra, Zé da porra, Zé Largarto, Zé da pá (deu uma pazada num pião metido a forgado). E finalmente Zé tiozinho. Com a velha sacola da World Tênis e um conteúdo de alumínio.

A policia hoje parou o Zé, chamou-o de Zé Buceta, perguntou onde era a boca, ele apon-
touno pra própria boca, pensou que era teste de embriaguez, mas viu que não era quando
tomou um tapa, a bolsa a tiracolo caiu, o policia chutou, alguém gritou.

— é trabalhador, é um Zé povim! Um Zé qualquer!

Os hollerits se espalharam, voaram pelas quebradas.

O outro policial tomou a sacola a tiracolo, abriu a marmita, a população chegou perto.

- É trabalhador, seus coxinha de bosta!

Os agentes de cinza se enfezaram, encheram-se de fezes.

Agora que o governo mandou pôr a cor vermelha de sangue no veículo, eles tinham
mais motivos para serem nervosos, fortes, quentes como o vermelho. Quentes como o
inferno.

Um deles puxou o 38 cromado, abriu a marmita do Zé, enfiou a ponta do revólver dentro,
cutucou, cutucou, espalhou a mistura e não achou nada, retirou o cano, fechou e deu
para o Zé esculachado.

A população estava revoltada.

- Tantu bandido na rua e us fi d'égua ai para um trabaiaidor, um Zé ninguém de merda.

- Tão abusando do Zé, qui é um coitado, se fosse um bandido não faziam isso.

Os agentes da lei saíram, Zé humilhado entrou no meio do povo, se misturou pra ver se o
aperto no peito parava, mas não parou.

Zé finiu.▼

TROMPETE SEM CONFETES

AS RAÍZES AFRICANAS DE EDSON IKÊ

POR NABOR JR. | FOTO MANDELACREW

Com uma produção gráfica voltada à temática afro e às culturas populares, tendo como referência a xilogravura (da qual é praticante), a arte étnica africana, a cultura pop urbana e a rua propriamente dita; o trabalho que o trompetista e designer gráfico Edson Ikê vem projetando desde 95 para capas de discos, livros, flyers e revistas, tem se mostrado um oásis de originalidade em vista das poucas possibilidades estéticas que a arte afrobrasileira tem sido refém no mercado editorial brasileiro.

Além do inegável talento e profundo conhecimento de causa, que podem ser vistos em trabalhos de identidade gráfica em distintos suportes (como o CD *Amostra*, do MC Rappão; o documentário *Sambalênço: A memória está no corpo*; as revistas *Raça e Rap Brasil*), a resposta para o bem sucedido caminho que Ikê vem trilhando no campo das artes gráficas provavelmente esteja ligado a eterna fuga do lugar comum, característica peculiar no instinto de um grande artista. "Busco a simplicidade. Fujo de soluções e efeitos fáceis dos softwares e mergulho nos conceitos e na essência de cada projeto".

INSPIRAÇÕES

Gosto muito das artes africanas, os grafismos, as



ARTES GRÁFICAS

formas, as esculturas. A produção do continente africano é bem significativa e importante pra mim. Entendo que os grafismos africanos tem um paralelo com as artes gráficas. Rubem Valentim neste sentido é uma fonte, por sua busca pela cultura afrobrasileira num contexto universal, inspirando-se nos grafismos indí-



genas e africanos, nos ritos, simbologia e ferramentas do candomblé.

REFERÊNCIAS

No design gráfico: Saul Bass, Jim Flora, Rafic Rafah, Milton Glaser e Victor Burton. Na gravura: Oswald Goeldi, Rubens Grilo, Gilvan Samico, J.Borges. Na música: os trompetistas Miles Davis, Kenny Dorhan, Lee Morgan, Woody Shaw, Barrosinho, Dizzy Gillespie, Roy Hargroove, Wynton Marsalis e Louis Armstrong.

MÚSICA

Como músico/trompetista tenho um trabalho de cinco anos na Uafro, conjunto que explora as vertentes da música negra, passando pelo rap, samba, funk, música latina e *afrobeat*. Tenho outro projeto que é o Conde Favela, que passeia pelo jazz, sambajazz, em parceria com Bá Kimbuta, Raphão, Luiz Galvão, Mabu, Ricardo Mingardi e Henrique Eloy.

POLITIZAÇÃO/ ENGAJAMENTO

Acredito que precisamos nos posicionar na sociedade e a arte é um instrumento poderoso de libertação. Meu trabalho reflete o que penso e a cultura afrobrasileira está sempre em evidência, seja num sentido de resgate ou como uma forma de diálogo e comunicação.▼



▶ VEJA MAIS
ensaiografico.com.br

ENQUANTO HÁ VOZ, HÁ ESPERANÇA

VOX SAMBOU E A ARTE COMO INSTRUMENTO
DE FORMAÇÃO E RESGATE DA DIGNIDADE DO
POVO HAITIANO*

POR NABOR JR. | FOTO MICHEL DESSOURCES JR.

Um eterno cenário de pós-guerra. Um inacabável e constante estado de desordem civil. Uma paisagem erodida, desarborizada e triste. Destroços de um país que há décadas busca ser, de fato, uma nação.

O catastrófico tremor de sete graus de magnitude que atingiu o Haiti na noite do 12 de janeiro de 2010, deixando cerca de 220 mil mortos, mais de 300 mil feridos e 1,5 milhão de desabrigados, é verdade, aprofundou, e muito, fatores que há décadas impedem o progresso da ilha, como o perene estado de abandono por parte do poder público, a infundável dependência de ajuda externa e a cada vez maior incapacidade do país em liderar a sua própria reconstrução.

Primeira república negra do mundo a abolir a escravidão (1794) e a declarar sua independência (1804), o Haiti, ao contrário do vanguardismo histórico,

*Agradecimentos especiais: Liliane Braga e Camila Zanini



sofre há décadas com sucessivos, gananciosos e sangrentos governos ditatoriais.

Como resultado deste plantio livre e desastroso, o que se vê pelas ruas do país são homens, mulheres e crianças reduzidos a pouco mais que farrapos humanos à caça de água e comida. Falta um governo forte, faltam hospitais, faltam escolas, falta infraestrutura, falta tudo o que sempre faltou.

Tal qual sua história, o enigmático povo haitiano, embora orgulhoso e patriota, não é de hoje abandona aos montes o país para começar uma nova vida em terras distantes. Entre estes se encontram artistas que, apesar de estarem longe de casa, ainda conservam sua inconfundível nacionalidade e o amor pelo país onde nasceram.

O rapper e ativista social Robints Paulo, de 35 anos, conhecido como Vox Sambou, auto-intitulado "A voz eterna do Haiti", é um deles. Formado em antropologia e há 15 anos vivendo em Montreal, no Canadá, ele divide seu tempo entre a música (além da carreira solo integra também o grupo de rap Nomadic Massive) e o seu cargo de diretor da Casa de Jovens de Cote-des-Neiges. A música foi a ferramenta escolhida pelo rapper para jogar luz nas injustiças que acontecem no mundo e, particularmente, no país onde nasceu.

Inspirado por ritmos como o dancehall, o rap e por músicos locais com consciência social como Eddie François e as bandas Boukman Eksperyans e Orquestra Tropicana do Haiti, Vox Sambou começou escrevendo músicas aos 14 anos na sua cidade natal, Limbé, localizada ao norte do Haiti. Mais tarde, estudando na capital Porto-Príncipe, começou a se apresentar em universidades e em festas estudantis.

Ao cantar na língua mais falada no país, o creole, Vox não apenas legitima as letras engajadas e o ritmo dançante das suas músicas, como também externa o senso de orgulho do seu povo. Apesar do esforço do homem e das violentas ma-

nifestações da natureza, nem tudo está perdido no Haiti. Vox é a prova rítmica e dançante disso. Enquanto há voz, há esperança.

OMENELICK 2º ATO - Porque o nome Vox Sambou?

Vox Sambou - Quando estive em Cuba, em 2003, uns artistas e colegas cubanos me chamavam de o cara da voz. Quando voltei para Montreal decidi encontrar um sobrenome pra mim. Pensei em nomes como a voz que quebra barreiras, a voz que ultrapassa fronteiras. Foi então que resolvi tirar as letras S e T da expressão voix sans bout (que significa voz sem fim em francês) e ficou Vox Sambou. Fiz uma pesquisa para ver se o nome já havia sido utilizado por outro MC. Então descobri que ele é original do oeste da África, especialmente de países como Senegal, Gâmbia e Mali. Aí, o escolhi rapidamente. Disse para mim mesmo que, antes de mim, meus ancestrais *Djoula* talvez tivessem esse nome até serem capturados e enviados de navio ao Haiti.

OM2º ATO - Porque resolveu deixar o Haiti? Não é contraditório, uma vez que você demonstra tanto amor por sua terra natal?

VS - Depois do golpe de estado de 1991, durante o governo do presidente Jean-Bertrand Aristide, a juventude haitiana vivia se escondendo ou fugindo de barco para Miami. Muitos deles morriam enquanto tentavam deixar o país. Dois de meus irmãos foram perseguidos pelo exército. Meu outro irmão mais velho, que era um padre católico e que fazia a sua graduação no Canadá, decidiu patrocinar a imigração da nossa família para lá. O processo durou quatro anos e eu



cheguei a Winnipeg, em dezembro de 1995.

OM2º ATO - O que mudou na sua observação do Haiti vendo o país de fora?

VS - Muitos haitianos e haitianas, artistas e músicos, foram forçados a deixar o seu amado país sob pressões políticas e econômicas. A maior parte delas para garantir a sua própria sobrevivência. Morar fora do meu país me faz entender o quão importante e valiosa é a cultura haitiana, uma das mais ricas do mundo. O Haiti é onde a cultura africana é mais preservada no Caribe. Nossos valores e orgulhos são únicos.

OM2º ATO - Como é a luta para manter uma cultura própria (de raiz africana), uma vez que as rádios e TV's disseminam a todo momento os costumes norte-americanos?

VS - Como todos os países do mundo o Haiti é sufocado pela propaganda midiática norte-americana. Os haitianos, porém, continuam muito próximos das suas raízes. A juventude haitiana está presente e envolvida com a cultura Hip Hop. No entanto, eles a expressam na maior parte em sua língua mãe, o *Creole*. Eles apóiam e tem o maior respeito pela música tradicional do país e também são influenciados por grupos conscientes, como Boukman Eksperyans, Kouple Kloue e Tropicana D'Haiti.

OM2º ATO - Você comentou recentemente que no Haiti o povo é impedido de saber a sua verdadeira história. No Brasil temos um problema parecido. A quem interessa essa negação da própria história?

VS - A nossa história é muito importante de ser conhecida para que o indivíduo se entenda e se conheça para seguir em frente. É do interesse da minoria rica e dos governos manter a maioria no escuro para manipular, tirar seus próprios lucros e proteger o seu poder.

Devido à falta de recursos nós sofremos por sermos incapazes de nos educarmos. Eu acredito que se a maioria da nossa população fosse educada todos teríamos uma vida melhor, uma auto-estima melhor, compreensão e amor uns pelos outros. Por exemplo, quando eu estava na escola primária e no ensino médio, me ensinavam que a história do Haiti começava com a escravidão, o que é completamente falso. A história haitiana começou no oeste da África, milhares de anos antes da era colonial. E continua quando os primeiros homens do oeste africano se encontraram com os Arawaks ao chegarem à terra chamada Haiti.

Os *Arawaks* são também ancestrais dos haitianos e foram capazes de colaborar com os africanos antes deles serem assassinados e exterminados pelo exército de Cristovão Colombo.

OM2º ATO - Qual a importância do rap para o auto-reconhecimento do jovem haitiano como sujeito?

VS - No Haiti nós temos o que chamamos de movimento de rap Kreyol ou rap haitiano. Há centenas de grupos no país, a juventude haitiana usa isso para compartilhar suas opiniões entre eles e a sociedade. Um show de rap no Haiti é uma expressão rica em si mesma. Pude vivenciar isso quando fui convidado pelo Haitian NGO

Aprofsifa no último mês de outubro, em Carrefour Fevilles, um bairro marginalizado de Porto Príncipe, para conduzir workshops de hip hop com 45 jovens. A experiência foi tão rica e poderosa que Nomadic Wax e eu decidimos, em colaboração com o ProVision Haiti, filmar um documentário chamado Democracia no Haiti. Essa produção compartilha as perspectivas dos jovens nas eleições presidenciais recentes do país. O pedido mais importante destes jovens é de serem ouvidos, e eles gostariam de fazer isso com sua própria voz e não com a de outras pessoas.▼

DIALETO

Djoula A sociedade também conhecida como Jula ou Dyula, nasceu no Império do Mali Mande, há mais de 600 anos. Seu nome significa "comerciante ambulante".

Arawaks são alguns dos povos indígenas das índias Ocidentais. Cristovão Colombo os encontrou quando desembarcou pela primeira vez na América, em 1492.

Nomadic Wax é uma organização internacional que promove o livre comércio de músicas, filmes e eventos com um enfoque social e global.

ProVision é um coletivo de jovens cineastas haitianos influenciado pela cultura hip hop.

Solid'Ayiti é uma iniciativa de artistas e ativistas sociais de Montreal, que trabalham para promover a auto-suficiência, a independência, a justiça social e a paz no Haiti.

▶ LEIA A ENTREVISTA NA ÍNTEGRA EM

www.omenelicksegundoato.blogspot.com

▶ ACESSO

myspace.com/voxsambou
democracyinhaiti.com

▶ DISCOGRAFIA

Álbum: Lakay
Gravadora: Public Transit Recordings
Ano: 2008

▶ LEIA

Haiti: Cultura, poder e desenvolvimento
Coleção Tudo é História
Marcelo Grondin
Editora Brasiliense - 1985

CAOS DO SUBÚRBIO



myspace.com/caosdosuburbio



OUTRA ÁFRICA

NA TERRA DOS HOMENS ÍNTEGROS

TEXTO E FOTOS LUCIANE RAMOS SILVA

Burki o quê? "Burkina Faso", respondi à uma colega quando discutia o roteiro do meu próximo destino ao continente africano. Esse pequeno país, incrustado na África do Oeste, à primeira vista pode não ter os atrativos mais saborosos para aqueles que desejam conhecer as Áfricas. Sem saída para o mar, e portanto, dependente dos portos de países vizinhos; sem grandes saídas econômicas, tendo a agricultura como carro chefe; sujeito à longas estações de seca muito peculiares do Sahel, faixa que separa o Saara das terras mais férteis do sul; sem muitos recursos naturais, que o façam cair nas graças (muito audaciosas) das potências europeias... Sem mais o quê? O relato das ausências, carências e fracassos, nós já conhecemos bem. Serviço prestado pelos noticiários, ONG's, livros didáticos, e por toda longa história pessimista narrada a respeito do continente africano. Minha passagem pelo país, breve porém atenta, captou outras imagens e movimentos. É sobre essa "Outra África", parafraseando o economista Serge Latouche, crítico radical da noção de desenvolvimento economicista, que considero importante falar.

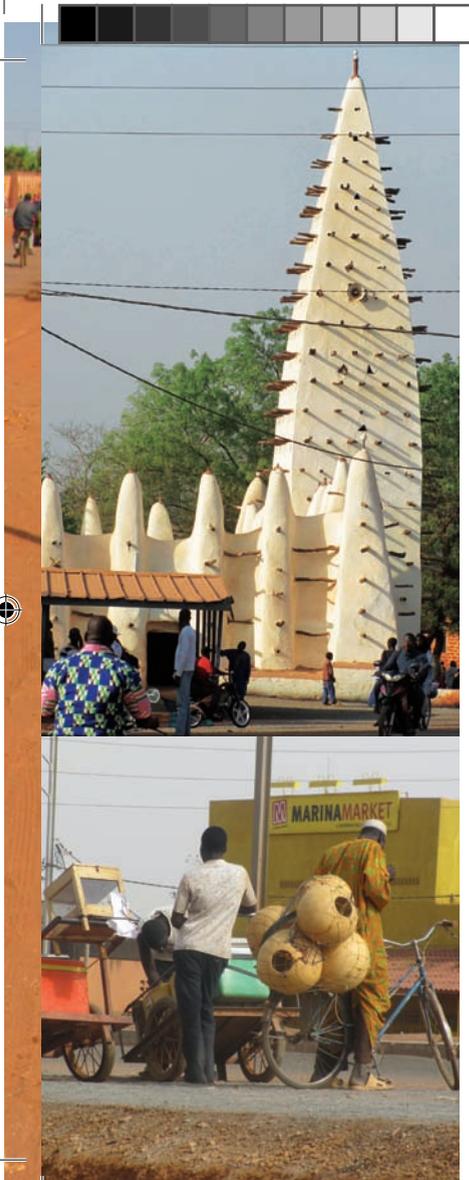
AFROBRASILIDADES & AFINS | OMENELICK 2º ATO | 23



Liberto das amarras coloniais francesas em 1960, o país viveu tempos de intensas mudanças sob a liderança de Thomas Sankara, que ao tornar-se presidente em 1983, aos 33 anos, implementou um programa revolucionário de reforma econômica e social, priorizando a educação, a saúde, auto-suficiência e transparência na gestão das coisas públicas. Seus esforços também se direcionaram para a emancipação das mulheres, nomeando-as para cargos no governo e colocando em questão temas como a mutilação genital feminina e a poligamia. Sankara mudou o nome do país para “Terra dos homens íntegros” (tradução de Burkina Faso), nome originário de duas línguas locais - *amoré* e *adiulá* - que parece resumir o desejo do jovem presidente, assassinado em 1987, de construir um estado para todos. O sonho durou pouco, mas o sentimento nacional de orgulho e respeito ecoa até os nossos dias nas expressões do povo burkinabê. Eis uma biografia insuspeita, frente à postura costumeira das lideranças africanas contemporâneas – celebrizadas por arbitrariedades e corrupções - que caminham na contramão das ações anticoloniais dos líderes das independências. Será exclusiva a trajetória de Sankara? Um exceção? Creio que não. A convicção de uma África consciente de seu passado e capaz de caminhar com os próprios pés esteve presente nas ações de outros ativistas, professores e intelectuais nacionais. O historiador Joseph Ki-Zerbo é um exemplo. Se ultrapassarmos a “África oficial”, encontraremos boas surpresas.

Um pouco de asfalto e muito chão de terra pavimentaram minhas andanças pela capital Ouagadougou, terra das motocicletas! As duas rodas são





o principal meio de transporte – um vai e vêauto organizado. Diante de poucos semáforos e guardas de trânsito, o povo se virava. É também no esquema do “se virar” que boa parcela da população dribla os sérios índices de desemprego. A chamada economia informal é ocupação de grande parte da população economicamente ativa. Vale o destaque para a participação das mulheres no fomento da economia atuando no comércio de gêneros alimentícios em feiras e mercados, na circulação de tecidos, na produção dos alimentos consumidos nas ruas da cidade – espaços efervescentes. Meus pés sempre empoeirados e a pele marrom da terra, não me assemelhava uma burkinabê, mas mesmo estrangeira no passo, na veste e no olhar, eu me tornava igual nas horas de comer. Bom apetite! Eu te convidou! Expressões que antecediam as refeições. Na engrenagem capitalista, a sociedade burkinabê parece estar órfã na informalidade. Mas será adequado o termo “informal” considerando os arranjos criativos e intercâmbios entre reciprocidades, sabedorias locais e lógicas de mercado?

NA POEIRA, OLHOS QUE BEM ENXERGAM

No começo do mês de março, Burkina Faso sediou o maior festival de cinema do continente africano, o FESPACO. O evento mobiliza realizadores, artistas, instituições e grande parte da população em um acontecimento cultural que inclui apresentações de música, teatro e dança entre as exposições cinematográficas. Paulistana que sou, ciente do acesso restrito da maioria de nossa população à mostras de cinema, saúdo essa iniciativa que leva a sétima arte ao povo. Relevante é também o projeto do cineasta Gaston Kaboré (nascido em Bobo Dioulasso, segunda maior cidade do país, em abril de 1951). Trata-se do IMAGINE – Centro de aperfeiçoamento que proporciona formações na área do cinema, televisão e multimídia. Idrissa Ouedraogo (1954) e Dani Kouyaté (1961) são outras referências do cinema local.



Irene Tassemedo e Luciane Ramos Silva

► **LEIA**

Para quando África
Joseph Ki-Zerbo
Editora Pallas
Rio de Janeiro, 2006

► **ASSISTA**

A Dançarina de Ébano
(La Danseuse d'Ebène)
Direção: Seydou Boro
Gênero: Documentário
Duração: 52 min.
França, 2002

► **ACESSE**

Edit (Escola Internacional
de Dança Irene Tassemedo)
www.edit-danse.org

IRENE TASSEMBEDO - SABER DANÇAR E SABER VIVER

"Para mim, a dança é a vida de todo dia" -palavras da coreógrafa, bailarina e atriz Irene Tassemedo, diretora da EDIT, Escola Internacional que tem como missões fundamentais a formação profissional em dança, o progresso de uma comunidade artística engajada e a valorização da arte/cultura como potenciais campos para o desenvolvimento durável. A escola agrega também a formação em música e canto, impulsionada pelos elementos de convivência comuns às culturas africanas: a vida coletiva, o "nós" em detrimento do "eu", a lógica da reciprocidade e o respeito aos mais velhos. "Dançamos com nossa cultura", ressalta Irene. Seu espírito sagaz, disposição e reconhecimento das diversidades, além de um olhar certeiro sobre a importância da modernidade no porvir das danças africanas, fizeram-me reconhecer nela, uma grande mestra. Que o Brasil possa, um dia, conhecê-la! ♡



COLETIVOS DE ARTES CENICAS

ALTERNATIVAS PARA AS AFROBRASILIDADES EM CENA

POR RENATA FELINTO

TEATRO



Não é de hoje que atores e atrizes negros estudam, pesquisam, encenam, agem e realizam ações coletivas com o intuito de terem a visibilidade de mídias, espaços e públicos que lhes são merecidos, tudo no plural mesmo. Já dizia Milton Nascimento nos versos de sua canção Nos bailes da vida: "todo artista tem de ir onde o povo está!". Os atores e atrizes desejam ir e o público também deseja vê-los, entretanto, não é de hoje, que múltiplas variáveis inviabilizam a efetivação desta visibilidade.

Em meados de 1944, temos o surgimento do lendário, pioneiro e fundamental TEN (Teatro Experimental do Negro), idealizado e dirigido pelo ator e intelectual Abdias do Nascimento (1914). O TEN surgiu como um coletivo de artes cênicas constituído por atores negros selecionados entre operários, empregadas domésticas, pessoas sem teto, sem posição de prestígio social ou profissional. Além de refletir e investir

ACEVO POMBALUBANAS



em espetáculos que tivessem atores negros como protagonistas e que tratasse desta realidade em cena, o TEN também erguia a bandeira de uma conscientização sobre a situação da população negra dentro e fora dos palcos. Os seis meses de ensaios com o grupo de trabalhadores/atores renderam-lhes elogios e boa aceitação do público em suas primeiras apresentações no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Isto demonstrou que existia sim, no Brasil, uma parcela da população interessada em discutir questões étnicas e raciais.

Cedroc-Funarte

ONDE ESTAR EM CENA?

Quais seriam hoje as alternativas de trabalho para o grande número de atrizes e atores negros exercerem papéis que lhes tragam visibilidade positiva? Onde os negros da dramaturgia exercem seus papéis? Uma resposta verificável são os herdeiros expressivos do TEN, os novos coletivos de teatro capazes de recrutar muitos destes atores. Eles são o espaço privilegiado da diversidade da própria negritude nacional, que não cabe nos limites da teledramaturgia. Nestes coletivos os atores negros se encontram em um ambiente no qual não necessitam provar a cada encontro, ensaio, montagem que são tão competentes quanto seus colegas não negros. Nestes espaços exercita-se a liberdade advinda da experimentação dramática, desenvolve-se pesquisas expressivas assentadas em valores positivos capazes de apresentar as várias negritudes que vão além de estereótipos.

Dentre estes coletivos, podemos citar como precursor pós TEN o Bando de Teatro Olodum, de onde emergiram talentos como Lázaro Ramos e Maria Gal. Surgido em Salvador, em 1990, a partir do Bloco afro-carna-



Ruth de Souza e Abdias Nascimento em ensaio de 'Auto da Noiva', de Rosário Fusco. Teatro Experimental do Negro (TEN). Rio de Janeiro, Teatro Fênix, 1946.

valesco Olodum, o grupo tem como uma de suas preocupações centrais trazer atores afrodescendentes aos palcos a partir da apresentação de peças que foquem em assuntos relacionados à população negra. Nos textos do Bando invariavelmente figuram temas da história racial do país e de seus habitantes, a ancestralidade, a questão da identidade negra e a vida urbana com suas desigualdades facilmente visíveis nos tempos atuais. Dentre suas montagens mais relevantes destaca-se o polêmico Cabaré da Rrrrrraça!, já apresentado em São Paulo.





COLETIVOS PAULISTANOS

CRIANDO O PRÓPRIO PALCO

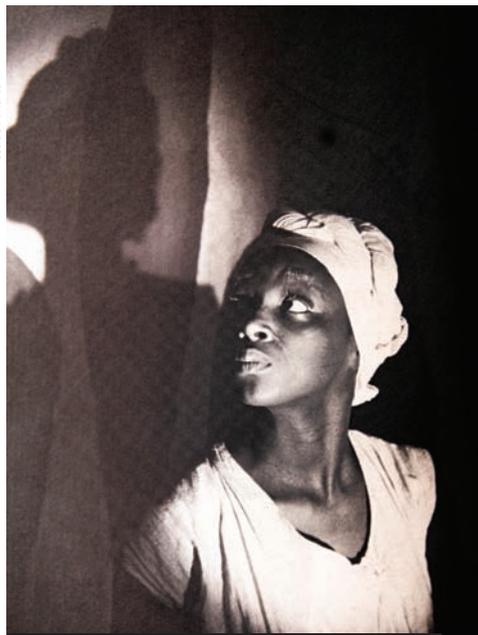
Há muitos estudiosos pesquisando a constituição ou não de uma poética teatral a que poderíamos chamar de negra e quais seriam os elementos que a caracterizariam. Em seu livro *A Cena em Sombras*, de 1995, a pesquisadora Leda Maria Martins aponta o espaço do teatro "como o lugar privilegiado para o exercício das práticas de autoafirmação e sobrevivência". Levanta também alguns pontos para reflexão acerca desta produção e dos objetivos destes grupos ou coletivos: "do que se fala quando se fala negro? Da cor do dramaturgo ou do ator? Do tema? Da cultura? Da raça?". Destaca ainda três elementos constantes identificados nas produções destes grupos ou coletivos: a lembrança da cultura africana, a história da escravidão e do racismo e a desconstrução de imagens perversas do negro.

Neste contexto, focando os coletivos ou grupos da Grande São Paulo, podemos destacar a produção de três deles: Grupo Clariô (Taboão da Serra), As Capulanas – Cia de Arte Negra e Os Crespos.

O Grupo Clariô se atém mais às questões sociais do que étnicas, sendo parte considerável de seu elenco composto por mulheres negras e mestiças. Sua última montagem, *Hospital da Gente*, apresentada pela primeira vez em fevereiro de 2008 e baseada em texto do escritor Marcelino Freire foi o espetáculo mais premiado do Estado no 1º Prêmio da Cooperativa Paulista de Teatro.

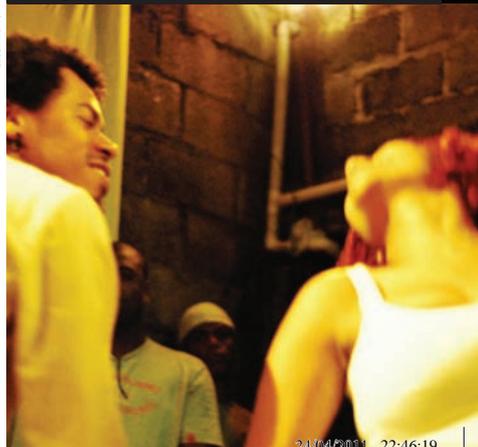


Cedoc-Funarte



Lêa Garcia em cena do espetáculo *O Imperador Jones* (1953); Abaixo, a Cia. As Capulanas em *Solano Trindade e suas negras poesias* (2010)

Casimiano





Na peça, cujo cenário remonta uma favela, o grupo envolve e conduz a platéia por espaços exíguos tais quais encontramos nas comunidades, com direito a convite para um café feito por uma das personagens. Naruna Costa, atriz e integrante do grupo, diz que “coletivos como o Grupo Clariô dão conta de compreender a marginalização do negro, a partir da experiência de seus próprios integrantes em relação direta com seu entorno, que é periférico. Isso é muito importante, pois cria-se um lugar de pesquisa enraizada nesse contexto, o que dá significância às produções e, logo, à atuação desses artistas em outros segmentos”.

A Cia. Capulanas de Arte Negra formada somente por atrizes negras tem como diferencial a formação das mulheres do grupo, todas oriundas do curso de Artes do Corpo da PUC-SP. Esse fato revela a escolha de seus integrantes por uma montagem que privilegia mais os aspectos múltiplos do corpo (fala, música, dança) do que o texto falado. A produção poética do poeta Solano Trindade é o eixo principal que conduz a montagem da peça Solano Trindade e suas negras poesias, com a qual a companhia tem se apresentado por meio do projeto *Pé no Quintal*, em quintais de bairros afastados da capital de São Paulo. Em suas produções As Capulanas destacam as inquietações relacionadas às questões de ordem social e política que afetam a identidade da mulher negra.

Já Os Crespos é um coletivo teatral que privilegia a pesquisa cênica e audiovisual, além de debates e intervenções públicas. É composto por artistas negros, formados pela EAD (Escola de Artes Dramáticas da USP), e que possuem em comum “a vontade de

discutir a sua formação, tendo como foco o estudo da história do negro nas artes cênicas em uma instituição em que esta discussão não existia”.

O grupo iniciou suas atividades em 13 de maio de 2005, Dia Nacional de Luta Contra o Racismo. Sua mais recente montagem Além do Ponto, apresentada nos meses de fevereiro e março, no Teatro Agora, em São Paulo, abordou as relações afetivas entre homens e mulheres negras considerando certa “incapacidade” de amar da população negra, em decorrência da falta de afetividade e de possibilidade de continuidade de laços afetivos vividos no período da escravidão. É como se esta população estivesse fadada ao fracasso no amor, à falta de diálogo e aos desencontros.

Os coletivos apresentam-se assim, como dos poucos espaços para que os atores e atrizes negros falem, expressem, representem os assuntos que lhes tocam considerando as suas experiências sociais. Que outros tenham a felicidade de entrar em cena!

COLETIVOS

- ▶ Bando de Teatro Olodum
bandodeteatro.blogspot.com
- ▶ Cia. Capulanas de Arte Negra
ciacapulanas.blogspot.com
- ▶ Grupo Clariô de Teatro
espacoclario.blogspot.com
- ▶ Os Crespos
oscrespos.com.br



REALIZE

POR MARIA GAL*

Depois de quase 10 anos morando em São Paulo, mudo para o Rio de Janeiro. Mudança de clima, cultura, convívências. Porém algumas coisas permanecem parecidas, senão idênticas.

Tenho ido ver alguns excelentes espetáculos de teatro na Cidade Maravilhosa e, infelizmente, mesmo mudando de cidade, uma pergunta permanece no meu inconsciente consciente: Cadê as atrizes negras em cena? Cadê as diretoras negras? As produtoras, dramaturgas negras deste Brasil tão negro?

Estimulada por esses questionamentos e após assistir alguns espetáculos, me propus um desafio: contabilizar, através de buscas na internet e e-mails de colegas de trabalho divulgando seus espetáculos, a proporção de mulheres negras efetivamente presentes em montagens cênicas no eixo Rio- São Paulo.

O saldo do primeiro bimestre de 2011 foi: menos de 10% da produção teatral das duas principais cidades do país tem uma negra atuando, produzindo, escrevendo ou dirigindo.

Até aqui nenhuma novidade. Então, o que fazemos com o dado quantitativo acima? Realizar, realizar e realizar!

As dificuldades de empreendimento, de estar no mercado intensamente competitivo, da briga pelo espaço são muitas, já sabemos.

E o que fazemos com isso? Continuamos a reclamar? Não que não seja importante brigar pelo espaço, sabemos que é. Mas sabemos também o quanto é importante!

E quando escrevo agir, é agir com sabedoria, criatividade, estratégia político/econômica e com amor. Não falo do amor estereotipado e piegas, falo do amor em agir!

Estamos num momento histórico muito importante. Apesar do restrito espaço, temos muito mais possibilidades de financiamento e parcerias nacionais e internacionais que antes.

Temos que aproveitar o momento, nossa experiência de vida, mulheres negras, nesse início de novo milênio, de uma nova era, tendo 2011 como o ano internacional dos afrodescendentes no mundo e ocupar espaços.

Realizar, realizar e realizar!♥

*Atriz e ex-membro fundadora da Cia. Os Crespos, atualmente está em fase de captação do infantil PAPARUTAS, com texto de Lázaro Ramos.
www.galquaresma.wordpress.com



O VALENTIM DA PRAÇA PÚBLICA

ARTE, AFROBRASILIDADE E ESPAÇO COLETIVO

POR ALEXANDRE ARAUJO BISPO | FOTOS MANDELACREW

Micigenada e multicultural São Paulo expira e inspira diversidade por suas vielas, ruas, becos e avenidas. Urbe brasileira com o maior número absoluto de negros (3,1 milhões), a cidade é, por isso, mas também por sua intrínseca vocação cultural palco de incontáveis manifestações artísticas de matriz africana.

O asfalto é o tablado. Muros e viadutos transformam-se em paredes para essa produção presente em monumentos, festas, passeatas, feiras e onde mais a densa arquitetura paulistana permita a liberdade da expressão afro.

O busto de Luiz Gama, no Largo do Arouche; a estátua da Mãe Preta, no Largo do Paissandu; a Rua Teodoro Sampaio; o bloco afro Ilú Obá de Min; o Sarau do Binho e as performances da Cia. de Teatro Os Crespos são apenas alguns dos muitos exemplos que podemos enumerar.

É nesse universo de expressões afro-urbanas que, vinte anos após a morte do artista plástico Rubem Valentim (Salvador, 1922 – Brasília, 1991), a revista O Menelick 2º Ato lembra e atualiza a importância histórica e a ousadia experimental de um dos mestres do construtivismo brasileiro.



CONSTRUTIVISMO ENCANTADO E RISCADURA BRASILEIRA

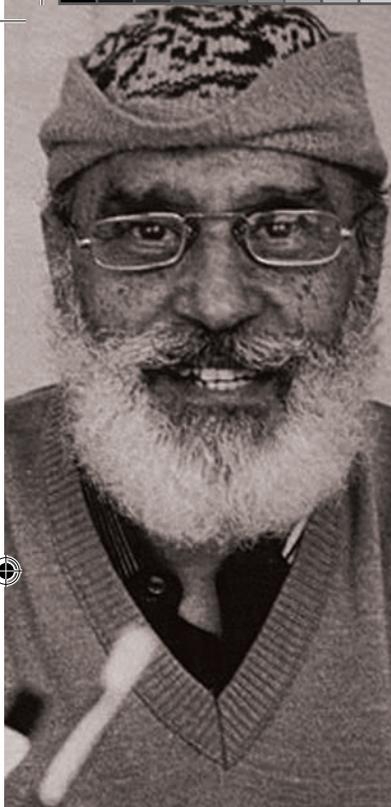
Rubem Valentim é um dos principais nomes da arte afrobrasileira contemporânea. Em sua obra figuram os anseios estéticos da mestiçagem de parte expressiva da população do país.

De família pobre e sangue mulato, sua relação com a arte veio, conforme a fala do próprio artista, pela descoberta da cor num pedaço de vidro, quando tinha cerca de cinco anos. "Não sei que fim levou meu caco de vidro azul, mas o tenho até hoje no meu coração", escreveu ele, em 1967.



Formado em Odontologia e Jornalismo, Valentim iniciou-se na pintura como autodidata nos anos 40. Aos 9 anos de idade já fazia os próprios presépios com papelão e tinta. Sobre a experiência infantil relatou certa vez: “Mundo poético, popular, de cor e riqueza imaginativa, que ficou em mim e influenciou profundamente a minha arte”. Em 1954, Valentim realiza sua primeira exposição individual, posteriormente participa de várias bienais e exposições por todo o país. Talentoso, ganha muitos prêmios ao longo da vida, especialmente a partir de 1955. Em 1957 o artista muda-se para o Rio de Janeiro, mais tarde, em 1962, durante o Salão Nacional de Arte Moderna, ganha o prêmio viagem ao estrangeiro. No ano seguinte, em Roma, na Itália, desfrutando da conquista fluminense, participa da XXXI Bienal de Veneza. Ainda na Europa estuda arte negra e vai à África. Em 1966, participa do I Festival de Arte Negra de Dakar.

A figuração geométrica que marcará sua obra surge entre os anos 55 e 56, quando o artista inspira-se na cultura popular afrobrasileira, sobretudo



► **ACERVOS DO ARTISTA EM SÃO PAULO**
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP)

Pinacoteca do Estado de São Paulo

o Candomblé, transformando em “linguagem visual o mundo encantado, mágico” que flui dentro de si. Sua geometria é encantada, elevada e espiritual. Pela ordenação geométrica ele busca o misticismo, a alma brasileira, o que nos constitui como povo.

EMBLEMA DE SÃO PAULO: SÍMBOLO DA CULTURA MULATA

Em 1985, Rubem Valentim realiza uma escultura na Praça da Sé, em São Paulo. Com 8,5m de altura e feita em concreto aparente. A escultura monocromática que aponta para o céu divide espaço com obras de outros artistas, com a Catedral da Sé e o Palácio da Justiça.

No misticismo do candomblé, Xangô é o orixá da justiça que possui um machado com lâminas duplas. Este machado e outros símbolos dos orixás são recorrentes em suas obras. A escultura é como um totem, ponto de referência, obra para todos que por ali passam. Ao valorizar a matriz africana presente no candomblé e traduzi-la numa composição escultórica pública, Valentim nos convida a perguntar sobre nossas origens como povo. A arte foi sua forma de

resposta e o que fez foi lutar com “todas as forças para ser mais humano e mais tolerante nesta época de insólita violência”.

A obra de Valentim é muito vasta, e há poucos trabalhos seus ao ar livre, o que torna esta escultura uma preciosidade que deve ser preservada pela população afrodescendente como parte do patrimônio cultural da diversidade artística paulistana. Lembrar de Valentim é evocar sua ética, poética e política expressiva. Sua interpretação original das raízes africanas e indígenas do Brasil lhe permitiu fazer uma arte rica de simbolismo, e que tornou a geometria algo mágico. Ele entendeu a idéia de nação não como controle territorial, econômico e político, mas como uma unidade integrada de respeito e humanização das diferenças ressaltando a especial contribuição de negros e índios para construir o país que temos. É na escultura da Praça da Sé que esse ideal é conquistado. Ideal que é a síntese da própria cidade: mestiça, cosmopolita e multicultural. ♣



ATELIÊ OÇO

POR CLAUDINEI ROBERTO

*Artista, curador, professor
e administrador do Ateliê OÇO*

Existe um consenso sobre a necessidade de criarmos alternativas que dêem voz e visibilidade àquela parte da população que, sendo em nosso país a maioria, continua à margem dos interesses do estado, do mercado e, quando não, da própria sociedade.

Falamos aqui nos negros, mas também de todos os agentes sociais historicamente excluídos, como as mulheres, jovens e despossuídos de diferentes matizes.

As artes plásticas, assim como todas as outras engrenagens do sistema onde a exclusão é reproduzida, também refletem este mal sedimentado pelo tempo.

Da necessidade de encontrar um meio de contestar essa situação ou, antes, resistir a ela, nasceu o Ateliê OÇO. O espaço fica no centro da cidade de São Paulo, entre a Sé e a Liberdade, especificamente na praça Carlos Gomes, onde convive, pacificamente, com um centro de Umbanda, um centro Espírita, uma igreja Evangélica, uma Católica, uma livraria alfarrabista, vários restaurantes chineses e um prostíbulo, suportando a cidade e usando-a como suporte.



DANILO PERA

Sítio de produção, pesquisa, exposições e discussões acerca da arte contemporânea. Casa onde a sensibilidade inquieta do artista e do fruidor de arte encontra interlocução, diálogo e abrigo.

Apareça, compareça e traga sua contribuição!

▶ **ATELIÊ OÇO**

Praça Carlos Gomes, 115
Liberdade/SP

▶ **CLICK**

ateliueoco.com.br

▶ **EM CARTAZ**

Neco Soares: Fotografias

Visitas: Quartas, Sextas e Sábados das 14h às 19h.

Até 14 de maio

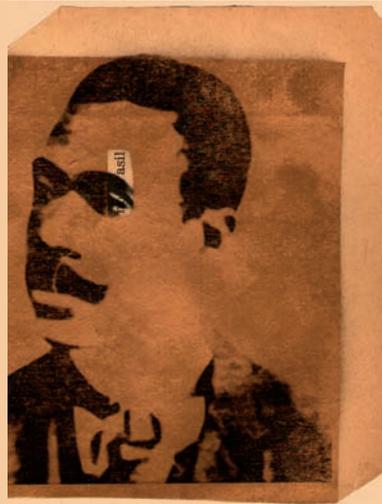


AMOR E SEXO

SEGUNDO CRUZ E SOUSA

POR NABOR JR. | ARTE DANILLO PERA

Cento e cinqüenta anos após a sua morte (faleceu no dia 24 de novembro de 1861), procurei o poeta Cruz e Souza para uma entrevista. Caso o nosso bate-papo não lhe pareça muito atraente, não ponham a culpa exclusivamente no repórter. Afinal o entrevistado não dá entrevista há, pelo menos, 150 anos.



OMENELICK2ºATO - Seu Cruz! A escravidão acabou!

CRUZ E SOUSA - Para Sempre?

OMENELICK2ºATO - É triste dizer isso, mas, mesmo com o fim da abolição o negro ainda é visto como um ser inferior. Acredita que você, o Cisne Negro, um dos precursores do simbolismo no Brasil é praticamente desconhecido da população?

CRUZ E SOUSA - Triste, bem triste.

OMENELICK2ºATO - Algum dia teve raiva ou rancor do povo brasileiro por esse desconhecimento da nossa própria história?

CRUZ E SOUSA - Nem um dia sequer, nem um só dia.

OMENELICK2ºATO - É que você tem um bom coração. Mas a verdade é que embranqueceram nossa história seu Cruz. Assim, é imprescindível que comecemos esta conversa com a seguinte pergunta: Como podemos defini-lo?

CRUZ E SOUSA - Um riso que atravessa séculos como o de Voltaire.

OMENELICK2ºATO - Aprecio o modo como trata o sensualismo e a estética romântica na sua obra. O que você pensa do homem que não ama?

CRUZ E SOUSA - Estás morto, estás velho, estás cansado!



OMENELICK2ºATO - Você deve ter sido um cara que amou muito.

CRUZ E SOUSA - O amor é uma escada que tem uma extremidade na glória e outra no abismo

OMENELICK2ºATO - Como assim?

CRUZ E SOUSA - É como o cáustico; cura mas deixa os sinais evidentes.

OMENELICK2ºATO - Mas, você amou muito ou não?

CRUZ E SOUSA - Sim!

OMENELICK2ºATO - Também foi amado?

CRUZ E SOUSA - Só raramente, por singularidade, uma ou outra mulher ama o artista

OMENELICK2ºATO - Que péssimo. Quer dizer, pra quem tanto amou como o senhor...

CRUZ E SOUSA - Pensa-se fatalmente na morte...

OMENELICK2ºATO - Imagino e não desejo isso nem pro meu pior inimigo. O que é o amor pra você?

CRUZ E SOUSA - Chama secreta que nas almas passa. E deixa nelas um clarão sidéreo.

OMENELICK2ºATO - Etã cabra romântico! O que mais gosta em uma mulher?

CRUZ E SOUSA - Tudo!

Boa! Vou formular a pergunta novamente. O que não pode faltar em uma mulher?

CRUZ E SOUSA - Sangue quente.

OMENELICK2ºATO - Concordo. E mais o que?

CRUZ E SOUSA - A chama do teu corpo

OMENELICK2ºATO - Caramba! Gosta da fruta mesmo. Existe algo melhor que mulher?

CRUZ E SOUSA - Nem a lua, nem as estrelas

OMENELICK2ºATO - E se não for para estar com uma mulher, o que prefere ficar fazendo?

CRUZ E SOUSA - Fumando cachimbo e bebendo cerveja

OMENELICK2ºATO - Aprecio uma cervejinha também. Mas acho melhor voltarmos para as mulheres. E pra onde você ia quando encontrava uma mulher que lhe interessasse?

CRUZ E SOUSA - Na colina da vila trepada

OMENELICK2ºATO - O que rolava lá?

CRUZ E SOUSA - Tudo!

OMENELICK2ºATO - Lembra quando foi a última vez que...

CRUZ E SOUSA - Foi numa dessas noites taciturnas. Foi num momento de saudade e tédio. De grande tédio e singular Saudade

OMENELICK2ºATO - Quem foi a vítima?

CRUZ E SOUSA - Julieta dos Santos

OMENELICK2ºATO - Belo nome. O que ela tinha de especial?

CRUZ E SOUSA - As harmonias deliciosas da tua carne



OMENELICK2ºATO - Desculpa a pergunta, mas fiquei curioso. Na intimidade, o que você dizia pra ela e que possa ser publicado, é claro.

CRUZ E SOUSA - Lá vem a loba que devora os sonhos

OMENELICK2ºATO - Eitâ! Como ela te respondia?

CRUZ E SOUSA - Tu és o louco!

OMENELICK2ºATO - E depois, rolava um sentimento?

CRUZ E SOUSA - Às vezes

OMENELICK2ºATO - Como assim?

CRUZ E SOUSA - És flor, mas como flor és perigosa.

OMENELICK2ºATO - Entendi. O senhor é daqueles que pega mas não se apega, né.

CRUZ E SOUSA - Não conheces a sombra e os golpes da emboscada.

OMENELICK2ºATO - Pior que conheço viu seu Cruz. Quem nunca sofreu por amor, né. Nada melhor do que a liberdade não acha?

CRUZ E SOUSA - Sim! Sim!

OMENELICK2ºATO - Qual o significado dela pra você?

CRUZ E SOUSA - Andar mais puro, mais junto à natureza e mais seguro.

OMENELICK2ºATO - Nada como a solteirice né seu Cruz. Você é bem malandro...

CRUZ E SOUSA - Eu sei disso!...

OMENELICK2ºATO - Pô, seu Cruz, o papo tá bom mas temos que encerrar por aqui. Quer deixar algum recado?

CRUZ E SOUSA - Quando te abraçarei na Eternidade?!

OMENELICK2ºATO - Que papo é esse?

CRUZ E SOUSA - O mundo para ti foi negro e duro

OMENELICK2ºATO - Olha, por culpa da minha melanina, negro ele sempre foi. Agradeço o convite mas estou muito bem aqui.

CRUZ E SOUSA - Junto da Morte é que floresce a Vida!

OMENELICK2ºATO - Seu Cruz, na boa, pode florescer até nota de 500 reais. Ainda sou muito novo. Obrigdo pelo convite

CRUZ E SOUSA - Podes andar no mundo sem receio

OMENELICK2ºATO - Amém!



As respostas estão contidas nas seguintes publicações do poeta Cruz e Sousa: *Braquéis* (1893), *Missal* (1893), *Tropos e Fantasias* (1885), *Evocações* (1898), *Faróis* (1900), *Últimos Sonetos* (1905) e o *Livro Derradeiro*.

Inspirado no texto *Entrevista Póstuma com Noel Rosa*, escrito pelo jornalista Sérgio Cabral para o jornal *O Pasquim*, em 1973.



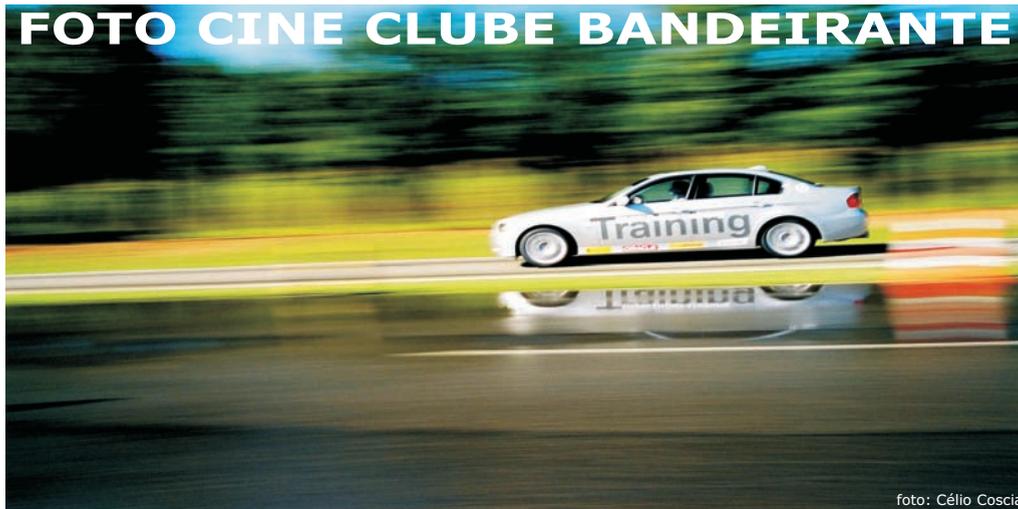


foto: Célio Coscia

CURSOS DE FOTOGRAFIA

- > Básico e Avançado
- > Foto Social
- > Foto de Casamentos
- > Foto Moda e Book
- > Foto em Estúdio
- > Foto Publicitária

71 anos de experiência



FOTO CINE CLUBE
BANDEIRANTE

11 - 3214 4234

Rua Augusta, 1108 - São Paulo - SP - <http://www.fotoclub.art.br>





SIGA > OMENELICKSEGUNDOATO.BLOGSPOT.COM



OMENELICK 2ºATO
AFROBRASILIDADES & AFINS

